


AS FOSSAS NAS CALÇADAS NA CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO URBANO DE ARAGUAÍNA – TOCANTINS

 <https://doi.org/10.56238/arev6n4-212>

Data de submissão: 13/11/2024

Data de publicação: 13/12/2024

Aires José Pereira

Dr. em Geografia, UFU, Professor Associado da Universidade Federal de Rondonópolis e do Programa de Pós-graduação em Gestão e Tecnologia Ambiental

Luís Otávio Bau Macedo

Dr. em Economia Aplicada, USP, Professor Associado da Universidade Federal de Rondonópolis e do Programa de Pós-graduação em Gestão e Tecnologia Ambiental

Beatriz Ribeiro Soares

Dra. em Geografia, USP, Professora do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia

RESUMO

Este artigo discute a problemática das fossas nas calçadas de Araguaína como fazendo parte da construção do cenário urbano da cidade, ora por falta/ausência do poder público em atender as necessidades básicas da população, ora pela “esperteza” cultural da população que “aproveitando” da falta de fiscalização municipal, também corrobora no sentido do desarranjo organizacional da produção espacial. Ou ainda, as duas hipóteses ao mesmo tempo, perfazendo o cenário construído e a ser construído paulatinamente com as sutilezas culturais do lugar. Mesmo porque, a problemática não escolhe “classe social” em sua existência enquanto tal. Quer dizer, tanto a pessoa de baixo poder aquisitivo, quanto à pessoa de alto status social, usa do artifício das fossas nas calçadas como falta de rede de esgotamento e tratamento sanitário e/ou afirmando que seus terrenos são pequenos e que, portanto, na “cabem” as fossas dentro deles e/o ainda que ao pagar para a limpa fossa retirar seus dejetos, fica mais barato na calçada que dentro do terreno. São discursos que perpassam as classes sociais que produzem o espaço urbano da cidade de Araguaína – TO.

Palavras-chave: Fossas nas calçadas, Falta de fiscalização municipal, Organização espacial.

1 INTRODUÇÃO

Existem muitos problemas urbanos em Araguaína – TO, como de resto, em todas as cidades Brasileiras de norte a sul e de leste a oeste. No entanto, em Araguaína – TO, alguns lhe são característicos e, um deles sem dúvida alguma, é o número excessivo de fossas em suas calçadas. Isto prejudica indiscutivelmente a tráfego de pessoas por elas, além de não ser uma paisagem que agrada aos olhos de seus moradores e visitantes. Sem falar do odor que é exalado, principalmente no período chuvoso, época em que o lençol freático fica mais raso.

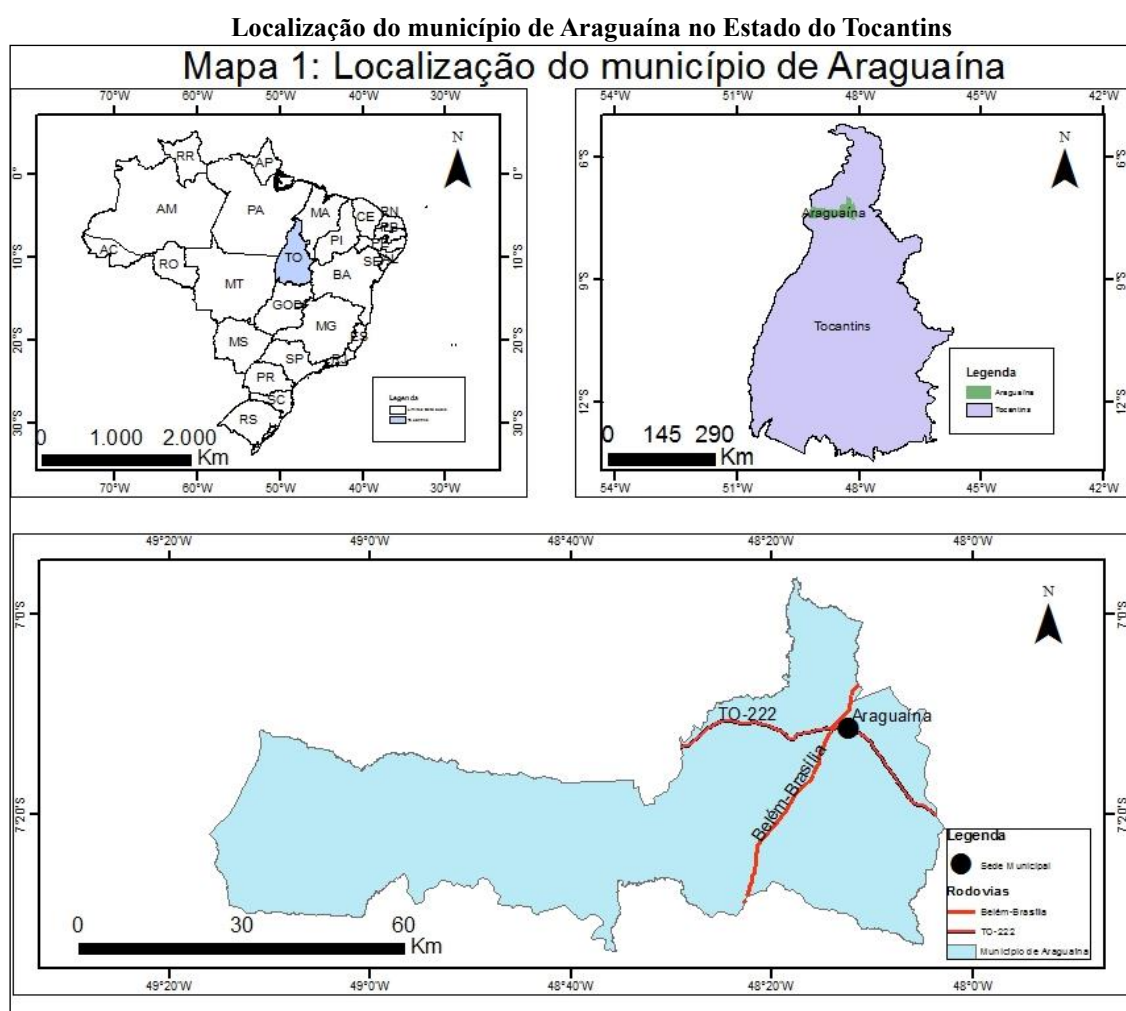
Este artigo então discute a problemática das fossas nas calçadas de Araguaína como fazendo parte da construção do cenário urbano da cidade, ora por falta/ausência do poder público em atender as necessidades básicas da população, ora pela “esperteza” cultural da população que “aproveitando” da falta de fiscalização municipal, também corrobora no sentido do desarranjo organizacional da produção espacial. Ou ainda, as duas hipóteses ao mesmo tempo, perfazendo o cenário construído e a ser construído paulatinamente com as sutilezas culturais do lugar. Mesmo porque, a problemática não escolhe “classe social” em sua existência enquanto tal.

Este artigo resulta de uma pesquisa empírica em que entrevistamos cem pessoas como: professores, alunos universitários, médicos, advogados, frentistas, vigilantes, etc e os mesmo opinaram concordando e ou discordando das fossas nas calçadas de Araguaína. Os resultados são muito interessantes para que os governantes tenham um compromisso maior com a questão de saneamento básico da cidade como um todo.

É evidente que, desde o momento em que foi feita a pesquisa empírica com as 100 pessoas aleatoriamente selecionadas para se posicionarem/opinarem sobre o tema em tela, muitas mudanças aconteceram no cenário urbana da referida cidade. Mesmo porque, os últimos dois governos municipais têm prestado um trabalho relevante em relação ao saneamento básico e embelezamento da cidade. Veremos os resultados da pesquisa, mas, antes, porém, veremos o mapa de localização do município de Araguaína no Estado do Tocantins, como se pode observar através da figura 01. Faremos também uma pequena discussão sobre o município de Araguaína, mas este não é o foco do artigo, uma vez que trabalharemos especificamente o problema da fossa nas calçadas da cidade.

Como se pode observar através da figura 01, o município de Araguaína se encontra na região norte do Estado do Tocantins, que por sua vez, faz parte da região Norte do Brasil. É um município que possui sua base econômica no setor primário e terciário da economia, principalmente o comércio, saúde e educação. Na cidade existem vários mercados e supermercados que não só atendem a demanda local, como também atendem aos vários municípios vizinhos nos Estados do Tocantins, Pará e Maranhão.

Também existem muitos comércios atacadistas em vários setores que atendem a essa demanda que extrapola os limites de seu município.



Fonte: Base cartográfica, SEPLAN, 2012. Digitalização. DIAS, Reges Sodré da Luz Silva.

Em relação à Educação a situação se repete. Temos várias faculdades presenciais e semipresenciais particulares, além do próprio Campus da UFNT, este já oferece vários mestrados e Doutorados, além dos cursos de graduação e pós-graduação (latu sensu). Sem falar das escolas públicas e privadas do ensino básico que existem na cidade de Araguaína que atraem estudantes de vários municípios do Norte do Tocantins, Sul do Pará e Maranhão.

A saúde, por sua vez, possui a sua polarização em relação à área anteriormente referida, pois, além de contar com clínicas especializadas em vários setores, tem também o curso de medicina no ITPAC, o que possibilita direta e indiretamente uma melhora na qualidade da saúde da região. A própria UFNT já tem o curso de Medicina funcionando em seu Campus e dando mais visibilidade ainda a sua polarização

em saúde. Tudo isto só reforça a sua polarização neste setor da economia, como bem já apontava a Dissertação de Mestrado da professora aposentada: Jacira Garcia Gaspar.

Por outro lado, a industrialização é incipiente, como de resto, em várias cidades do interior do Brasil, uma vez que estes espaços geralmente são complementares à economia do centro-sul do país, ofertando produtos agropecuários. Ou seja, geralmente estes espaços são áreas de expansão do capital e, por isto mesmo, quando muito possui as agroindústrias que beneficiam os produtos provenientes da agropecuária. No caso específico, o comando maior deste setor se dá na produção de carnes e seus derivados. Inclusive, chegou se a conclusão de que Araguaína é a “Capital do Boi Gordo”.

2 TRABALHANDO DADOS DA PESQUISA

Ainda trabalhando a realidade da paisagem urbana de Araguaína, buscando compreendê-la em suas nuances particulares, verificamos que as fossas nas suas calçadas também fazem parte deste cenário urbano para a beleza ou a sua fealdade.

Gráfico 1 - Sobre as fossas nas calçadas da cidade de Araguaína



Fonte: PEREIRA, Aires José. Pesquisa de campo.

Desta maneira, perguntamos às mesmas cem pessoas se elas concordam ou não com as fossas nas calçadas. Da totalidade, 93% discordam e, apenas, 7% afirmaram que concordam, conforme se pode observar através do gráfico 01. Observando o gráfico 01 percebe-se que a maioria dos entrevistados discorda das fossas nas calçadas, no entanto, ao andarmos pelas ruas de Araguaína, percebemos que o uso dessa prática é mais comum do que se possa imaginar. Ao entrevistar uma professora, entre muitas outras, obtivemos a seguinte resposta:

Elas não causam boa impressão, e revelam uma grande deficiência da cidade: falta de saneamento básico, com tratamento de esgoto e dejetos. Do ponto de vista da saúde pública, esse é um desafio posto ao Poder Público que precisa estabelecer projetos que visem implantar e viabilizar o saneamento básico na cidade. Do ponto de vista paisagístico, a agressão simbólica com essas

fossas nas calçadas revela a fragilidade de uma sociedade que organiza o espaço urbano araguainense com falta de planejamento e atuação política frente aos órgãos competentes para exigir mudança nesta forma de destino a esgoto e dejetos. A sociedade se coloca na situação de complacente e conivente com essa situação. Parte da responsabilidade deste problema também é nossa. (Entrevista realizada em outubro de 2011 com uma professora).

A professora fala indiretamente da fealdade da cidade em função das fossas nas calçadas, além, é claro, de denunciar o problema da falta de saneamento básico e a não cobrança por parte da população de Araguaína ao poder público constituído, de uma solução para o problema social, e de sustentabilidade saudável do ambiente urbano. Outra pessoa afirma que “as pessoas que não têm meios de transportes acabam andando pelas calçadas, o que pode ocasionar acidentes com elas”. Realmente, aos pedestres da cidade têm problemas locomoção. É muito perigoso andar pelas calçadas de Araguaína. Para uma acadêmica do curso de Geografia da UFT,

As fossas nas calçadas representam uma série de transtornos, principalmente devido à má manutenção, como: odor desagradável, incidência e proliferação de insetos, problemas estruturais, que acabam ocasionando riscos para a sociedade que necessita transitar no passeio público (a calçada). Tem ainda os impactos de ordem ambiental, pois não há um controle dos dejetos que estão sendo despejados nessas fossas, que acabam por provocar também, a contaminação do solo e conseqüentemente do lençol freático. (Entrevista realizada em setembro de 2011 com um estudante do curso de Geografia da UFT).

É evidente que esse problema é decorrente, principalmente, da falta de rede de esgoto, apesar de não ser apenas por isto. Mesmo porque é “comum” em cidades brasileiras esta falta de saneamento básico e, no entanto, seus moradores nem por isto fazem fossas nas calçadas. Assim sendo, um entrevistado afirma que “o correto seria a rede de esgoto para toda a população”. Para outro entrevistado, “é perigoso e preocupante para quem faz uso das calçadas para transitar”. Outro afirma ainda que “quando malfeitas podem causar acidentes”. Na verdade, existe uma intimidade subjetiva entre os produtores dos lugares, suas culturas, experiências e percepções, como descreve Guimarães (2002) e o local onde acontece a sedimentação de suas ações efetivas. Vejamos sua fala:

Os espaços e lugares, por sua vez, abrigaram a construção e a sedimentação de vínculos de natureza secular e sagrada, demarcando estruturas paralelas de mundo vivido nas velhas paisagens. A renovação dos códigos simbólicos e de suas experiências e percepções geraram interpretações envolvidas pela magia e carisma dos seus próprios mitos, aliadas a um conhecimento geográfico de raízes empíricas. Este envolvimento dos aspectos míticos e geográficos delineou, em vários momentos, territórios que até os dias atuais apresentam limiares oscilando entre a obscuridade de uma intimidade subjetiva e a concretude exteriorizada nas fronteiras geopolíticas. Todavia, os homens que habitam a Terra continuaram a construir suas paisagens, ícones de suas culturas, onde vivências singulares levaram a níveis de experiências e percepção relacionados às paisagens das visibilidades, das não-visibilidades e ainda, àqueles concernentes aos níveis do sensível, (Guimarães, 2002, p. 129).

As paisagens urbanas, para não falar de outras, dizem muito de seu povo. Por outro lado, pelo o que se vê, em função das respostas dos entrevistados, as suas opiniões acerca do referido problema são diversificadas e, praticamente todos têm uma razão urbanística empírica para entender a gravidade das fossas nas calçadas. Veja como aparece a preocupação de um estudante universitário:

Além do perigo que corremos em estar caminhando sempre por cima de tampas de fossas e estas virem a desmoronar, tem a questão da poluição; Veja bem, como ficamos com todo o solo urbano da cidade de Araguaína contaminado, e como têm ruas e casas a beira de nascentes e córregos, podemos estar sendo contaminados por organismos nocivos à nossa saúde através da água e de outros alimentos. (Entrevista realizada em junho de 2011 com um estudante universitário).

Além dos problemas ocasionados pelas fossas nas calçadas de Araguaína, apontados pelo estudante universitário, um balconista, por sua vez, fala da saúde pública, senão vejamos:

O que falta é um sistema de coleta de esgoto, ou seja, as autoridades do município têm que incluir em seu planejamento de governo e de Estado, para que deixe de usar as fossas que devido ao grande número delas acabam por afetar o lençol freático de nosso município, causando mais danos a toda a população, uma vez que o a captação de água no município se dá através do lençol freático, ou seja, poços artesianos. (Entrevista realizada em outubro de 2012 com um balconista).

Além do problema de saúde pública, e de outros de natureza diversa, ocasionados por esta situação, um professor universitário faz críticas à população araguanense que não se mobiliza contra as mazelas políticas.

Não concordo em hipótese alguma, isso demonstra a falta de estrutura da cidade e, o quanto as pessoas (a maioria) aqui pensam pequeno diante de situações que merecem mais olhar crítico. O grande problema é que 99,9 % do povo nessa cidade acham que tudo está indo muito bem. Isso é o que percebo nas minhas conversas com as pessoas daqui. (Entrevista realizada em julho de 2011 com um professor universitário).

Uma estudante universitária, do curso de Geografia da UFT, fala dos riscos para a população e dos problemas ambientais que essas fossas ocasionam. Para ela, os riscos vão desde o problema da tráfegabilidade dos pedestres a até o problema de saúde pública.

Fotografia 01 - Fossas nas calçadas de um bairro de status social alto



Fonte: PEREIRA, Aires José. Pesquisa de campo realizada em maio de 2018.

Porque conforme a lei deveria ficar dentro dos lotes. As fossas são um dos grandes problemas para a população araguainense, pois grande parte destas se localiza nas calçadas, na qual oferece risco a toda população. Pois sabemos que vários acidentes podem vir a ocorrer, assim como muitos acidentes já ocorreram. Sem falar no risco para a saúde da população, pois essas fossas contaminam/poluem os lenções freáticos, rios e o solo. Isso sem falar na questão, do odor emitido destas fossas, e o risco eminente que elas representam a pedestres, que trafegam por as calçadas, e a toda população araguainense direto ou indiretamente. (Entrevista realizada em outubro de 2011 com uma estudante do curso de Geografia).

A paisagem urbana traz consigo muitos elementos que um olhar desavisado não consegue captar suas nuances por completo. Uma advogada afirma que “as fossas nas calçadas ocasionam um problema sério, pois os pedestres vão para as ruas tumultuarem ainda mais o trânsito da cidade que já é caótico”. Por outro lado, temos um aluno universitário que nos diz o seguinte: “facilita o escoamento, mas o melhor mesmo seria a rede de esgoto”. Essas fossas nas calçadas de Araguaína fazem parte deste cenário urbano.

Por outro lado, Martins (1997) nos fala do desencontro dos homens em áreas de fronteiras. Araguaína se encontra nesse caldeirão efervescente onde a disputa do espaço público pelo o uso privado é grande e o poder público local faz vistas grossas ao problema. As fossas nas calçadas são alguns dos exemplos de invasão do espaço público pelo uso privado que se dissemina pela cidade em todos os bairros independentemente de sua condição social. Mas vejamos a fala de Martins:

Dentre as muitas disputas que a caracterizam, a que domina sobre as outras e lhes dá sentido é a disputa pela definição da linha que separa a Cultura da Natureza, o homem do animal, quem é humano e quem não o é. A fronteira é um dos raros lugares na sociedade contemporânea em que essa disputa ainda tem a visibilidade que em outros perdura apenas na discussão teórica e filosófica. {...}. É na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem. É lá que o melhor se vê quais são as concepções que asseguram esses processos e lhe dão sentido. Na fronteira, o Homem não se encontra – se desencontra. Não é nela que a humanidade do Outro é descoberta como mediação da gestação do Homem. (Martins, 1997, p. 12).

Fotografia 02 - Três fossas na calçada em Araguaína - TO



Fonte: PEREIRA, Aires José. Pesquisa de campo realizada em outubro de 2018.

Existem inúmeros problemas decorrentes dessa prática social culturalmente arraigada na cidade de Araguaína, além da ausência do poder público em estar regulamentando e fiscalizando as ações da população que levam a degradação da paisagem urbana da cidade. Para um professor universitário existem motivos para essa realidade que caracteriza a cidade de Araguaína:

Por alguns motivos, quais sejam: significam perigo para os pedestres; significam contaminação ao lençol freático; significam desobediência ao código de postura do município; menos problemático que instalar uma fossa na calçada é instalá-la no quintal. Mas o correto mesmo é que haja o sistema de tratamento de esgoto, pois isso soluciona o problema. (Entrevista realizada em setembro de 2011 com um professor universitário).

Uma secretária disse: “acho inconveniente, pois traz grandes problemas, estrutura das calçadas e o mau cheiro”. Para um vigilante: “porque nos dá uma insegurança ao trafegarmos pelas calçadas”. Outros afirmam ainda que a cidade deveria ter saneamento básico e que isto pode ocasionar a contaminação do lençol freático. Dizem também que Araguaína é o único lugar que eles conhecem onde se vê tantas fossas nas calçadas, além de serem malfeitas é um sinal de subdesenvolvimento e é anti-higiênico. Isso, além de ser feio demais, ainda exala um mau cheiro terrível. Tudo isto faz parte da paisagem urbana de Araguaína. Vejamos o que Milton Santos (1988) tem a nos dizer:

A paisagem é o conjunto de objetos que nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas que temos à nossa frente, como simples pedestres. Uma fração mais extensa de espaço que a nossa vista alcança do alto de um edifício. O que vemos de um avião a 1.000 m de altura é uma paisagem, como a apreendemos numa extensão ainda mais vasta, quando de uma altura maior. A paisagem é o nosso horizonte, estejamos onde estivermos. (Santos, 1988, p. 76).

Desta forma, a paisagem urbana de Araguaína inclui as fossas nas calçadas com todos os seus problemas. Não dá para “desvencilhar” a paisagem das fossas nas calçadas e vice e versa. O cheiro, a fealdade, o susto dos pedestres ao trafegarem pelas calçadas, a contaminação do lençol freático, entre

tantos outros problemas apontados pelos usuários urbanos por nós entrevistados, são indiscutivelmente, componentes da paisagem urbana araguainense e como tais devem ser estudados. A identificação com o lugar, independentemente de como ele é, passa pelo o quê Tuan (1980) discute:

A consciência do passado é um elemento importante do amor ao lugar. A retórica patriótica sempre tem dado ênfase às raízes de um povo. Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo. Os povos analfabetos podem estar profundamente afeiçoados ao seu lugar de origem. Eles podem não ter o senso ocidental moderno, mas quando procuram explicar a sua lealdade para com o lugar, ou apontam os laços com a natureza (o tema mãe-terra), ou recorrem à história. (Tuan, 1980, p. 114).

Uma acadêmica de pós-graduação defende que as fossas deveriam ser feitas no quintal (dentro dos terrenos) de seus proprietários. De uma maneira geral, os entrevistados estão afinados com os problemas decorrentes desta forma de se produzir o espaço urbano de Araguaína. A grande maioria afirma que o lençol freático será contaminado pelas fossas, que isto é falta de rede de esgoto, que também é problema de “esperteza” do próprio proprietário dessas fossas em não querer usar seu terreno para a construção das mesmas. Um professor de ensino médio nos relata que: “estas fossas nas calçadas é uma falta de respeito, a maioria está caindo aos pedaços sendo uma verdadeira armadilha na rua. A calçada que deveria ser o local do pedestre andar, torna-se um perigo que deve ser evitado”. As calçadas são públicas e como tais deveriam servir aos pedestres que trafegam ou poderiam trafegar pela cidade por meio delas. No entanto, é muito difícil se ver alguém andando nas calçadas de Araguaína. Um bancário nos relata que:

Na calçada, eu não considero correta a alocação das fossas. Pelo fato do sistema de tratamento de efluentes ser incipiente na cidade, penso que a única alternativa para minimizar os impactos ambientais, é a utilização de fossas sépticas, mas sempre no interior do terreno (lote). (Entrevista realizada em janeiro de 2012 com um bancário).

Falta em Araguaína, indiscutivelmente, o saneamento básico que atenda às suas necessidades. Esteticamente é muito feio o número assustador de fossas nas calçadas. Inúmeras pessoas entrevistadas falaram dos perigos, do mau cheiro, da poluição do lençol freático, da fealdade que isto acaba ocasionando na cidade. Afirmaram também que as calçadas são públicas e não privadas e que, portanto, os pedestres têm direito de ir e vir sem se preocupar em cair dentro das fossas. Para um estudante universitário,

Por alguns motivos, quais sejam: significam perigo para os pedestres; significam contaminação ao lençol freático; significam desobediência ao código de postura do município; além de trazer mau cheiro é muito perigoso porque a população anda por cima das calçadas para se proteger dos carros. Menos problemático que instalar uma fossa na calçada é instalá-la no quintal. Mas o correto mesmo é que haja o sistema de tratamento de esgoto, pois isso soluciona o problema. (Entrevista realizada em outubro de 2011 com um estudante universitário).

A lista de problemas ocasionados pelo uso indiscriminado do espaço público para objetivos privados, de acordo com os entrevistados é muito grande, como se pode observar nas suas falas. A lista de problemas vai desde a ilegalidade da ação até a prática perigosa, pois ameaça a segurança dos transeuntes pedestres, o mau cheiro, a feiura, a falta de higiene, a saúde pública e a insustentabilidade ambiental do espaço urbano.

A legislação urbanística da cidade geralmente define os padrões de construção de seu espaço urbano, mas quando estas leis não existem ou se existem são ignoradas tanto pelo poder público, quando pela sociedade civil constituída, ocasionando uma fealdade sem limites, como se observa ao trafegar pelas ruas tortuosas de Araguaína. Landim (2004) nos salienta que:

A legislação que define os padrões de ocupação urbana, os quais por sua vez definem a configuração física da paisagem, versa basicamente sobre o espaço físico-territorial, alienando-se dos demais componentes da problemática urbana. Dessa forma, as cidades homogeneízam-se, em razão de um discurso urbanístico baixo, generalista e que colabora para a pasteurização arquitetônica. (Landim, 2004, p.20).

Ocorre que a pasteurização arquitetônica no caso específico não resulta de produção moderna do espaço urbano, mas sim, da forma quase rudimentar de construção de muros altos, fossas nas calçadas e casas sem detalhes arquitetônicos. Hoje, depois da cidade (grande parte) estar “construída” desta forma, é normal às pessoas dizerem que isto se deu em função da pobreza econômica do lugar de outrora. No entanto, é comum vermos fossas nas calçadas de pessoas abastadas da cidade. Mas voltando ao tema em si, quais sejam as fossas nas calçadas, vejamos a fala de um atendente de lanchonete:

Não, primeiramente deveria ter uma rede de tratamento de esgoto, mas como não existe, acho que, como os lotes de Araguaína são bastante grandes, tendo assim bastante espaço livre, podem-se usar as áreas abertas do lote, para fazê-las, evitando assim risco de algum acidente com alguma pessoa e ter que até mesmo pagar uma indenização, que possivelmente o acidentado irá pedir. Cada morador deveria construir sua fossa dentro de seu quintal e não causar prejuízo urbano e ambiental a toda à sociedade. (Entrevista realizada fevereiro de 2012 com um atendente de lanchonete).

É interessante que as pessoas entrevistadas, independente de seu grau de instrução e independente da profissão que exercem, o discurso delas está mais ou menos afinado. Vejam o que disse um agente de portaria: “se acontecer algum rompimento na estrutura dessa fossa, vai ser incômodo para os vizinhos e outras pessoas que passarem por ela”. Já para um consultor técnico: “não, pois a qualquer momento elas podem cair e assim machucar os pedestres”. As falas às vezes se repetem, mesmo utilizando-se de outras maneiras de dizer, mas a essência é a mesma. Observem o que diz um repositor: “não concordo, pois deixam um mau cheiro na rua, além de impedirem a passagem de pedestres e caso, cederem poderão consumir a rua”. Uma assessora jurídica nos afirma que “não, porque as calçadas, de alguma forma, são públicas, além da questão da estética”. As paisagens decorrentes dessa forma de atuar na produção do espaço urbano também obedecem, indiscutivelmente, como estamos sempre frisando ao longo deste trabalho, a cultura de seu povo, para além da própria morfologia do sítio urbano, da economia, etc. Landim (2004) relata que:

A produção cultural do espaço se dá no espaço e no tempo, e os momentos históricos refletem-se nas paisagens. As características morfológicas das cidades se espalham então as etapas de construção do espaço urbano, e a paisagem urbana são constituídas pela similaridade, que confere homogeneidade, ou pela especificidade, que confere particularidade de alguns períodos. Ou seja, quanto de cada período, resultado de um processo histórico/cultural, sobrevive em cada nova paisagem. As estruturas urbanas remanescentes nas novas paisagens é que irão conferir a particularidade daquele espaço, justamente porque ilustra sua história, restando-nos, então, identificar quais são os elementos configurados que caracterizariam a transformação. (Landim, 2004, p.42).

É evidente, por outro lado, que apesar das inúmeras fossas nas calçadas de Araguaína por todos os “setores”, há também, proporcionalmente, uma diminuição deste tipo de “estrutura urbana”. Quer dizer, devido à vinda de pessoas de vários lugares do país nos últimos anos, algumas delas fazem suas fossas dentro de seus lotes. É, na verdade o surgimento de mudança das relações espaciais entre a população e o espaço físico da cidade. Mas, voltando aos nossos entrevistados, um eletricitário comenta sobre o assunto da seguinte maneira: “as calçadas são locais onde os pedestres transitam e é perigoso demais, pois o mesmo pode cair dentro dela”. Adentrando um pouco mais na discussão da razão pela qual as pessoas de Araguaína fazem suas fossas nas calçadas, é interessante observar o que Tuan (1980) tem a nos dizer em relação a afeição ou desprezo por isto ou aquilo. Vejamos a sua observação:

A familiaridade engendra afeição ou desprezo. Todos sabemos que uma pessoa pode ter afeições por chinelos velhos, que para um estranho parecem bolorentos. Há várias razões para esta afeição. Os pertences de uma pessoa são uma extensão de sua personalidade; ser privado deles é diminuir o valor como ser humano, na sua própria estimativa. A roupa é um pertence mais pessoal. São poucos os adultos, cujos sentidos de self não sofram quando está nu, ou que não se sente ameaçada a sua identidade quando tem que usar as roupas de outra pessoa. Além da roupa, uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar, em seu bairro. Ser despejado, pela força, da própria casa ou bairro é ser despido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior. Assim como algumas pessoas são relutantes em abandonar um velho casaco por um novo, algumas pessoas – especialmente idosas – relutam em abandonar seu velho bairro por outro com casas novas. (Tuan, 1980, p. 114).

A sociedade araguanense, de uma maneira geral, tem uma maneira muito peculiar de lidar com o espaço público urbano. Essa particularidade “salta aos olhos” mais atentos por meio da paisagem que é criada historicamente pelas ações cotidianas das pessoas comuns e o poder público nada tem feito para coibi-las. É evidente que esse olhar também depende muito de quem o dirige. O estilo de vida que a própria sociedade adota como o mais correto para si, também conta na hora de atribuir valores para certas atitudes das pessoas de um determinado local ou mesmo lugar. Tuan (1980) nos assegura ainda que:

O estilo de vida de um povo é a soma de suas atividades econômicas, sociais e ultraterrenas. Estas atividades geram padrões espaciais; requerem formas arquitetônicas e ambientes materiais que por sua vez depois de terminados influenciam o padrão das atividades. O ideal é um aspecto do estilo de vida total. Conhecemos o ideal porque é frequentemente verbalizado e ocasionalmente substanciado em obras que perduram. As forças econômicas e sociais contribuem de forma extraordinária na definição de estilos de vida, mas, ao contrário dos impulsos idealísticos, carecem

de autoconsciência. Os estilos de vida dificilmente são verbalizados e desempenhados conscientemente. Na maioria dos casos chegamos a compreender algo do estilo de vida de um povo, incluindo a sua atitude, em relação ao mundo somente através da evidência acumulada dos atos diários e do caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem. (Tuan, 1980, p. 199-200).

Portanto, tal comportamento da sociedade araguainense tem respaldo em sua própria verbalização espacial de suas atitudes concretas em seu cotidiano e por isto mesmo, há visões diferenciadas dos olhares sobre paisagem urbana justamente porque cada um tem sua própria história de vida, cultura, maneira de ser, agir, estar e viver no mundo. Assim sendo, os olhares que estamos acompanhando por meio das entrevistas são às vezes parecidos, mas também alguns momentos são totalmente diferentes. É justamente o olhar sobre esses outros olhares que acaba por complementar o entendimento de como funciona o pensamento urbanístico da população araguainense.

Um vendedor, ao se referir ao problema aqui abordado, faz a seguinte observação: “as fossas nas calçadas trazem muitos perigos para a população, além das doenças. Impossibilita os deficientes físicos de exercerem cidadania”. Por outro lado, um psicólogo afirma que “a calçada é para o pedestre e não para jogar merda dos moradores irresponsáveis”. Já um autônomo discorda completamente das fossas nas calçadas. Ele diz que as calçadas são públicas e que as fossas podem explodir e/ou estourar. Um funcionário público nos alerta que as fossas nas calçadas são algo “nojento e ainda é perigoso das pessoas caírem”.

Há quem fale que isso precisa ser visto pelo lado ambiental, organizacional e estrutural da cidade. E que tudo isso traz prejuízos ambientais para a cidade. Além disso, tem o problema da proliferação de agentes transmissores de várias doenças. Há também quem diga que esse é um antigo problema da cidade de Araguaína que traz contaminação ao lençol freático, que é fonte de sobrevivência para muitas famílias que utilizam a água de poços artesianos. Um auxiliar de serviço de saúde afirma o seguinte: “porque quando elas (fossas) saturam terminam vazando, podem causar doenças e espalhar epidemias”. Mas, como se pode observar no gráfico 01; 7% dos entrevistados concordam com as fossas nas calçadas e vejam em síntese o que eles disseram.

Um autônomo afirma que “as fossas são a única alternativa que tem a população, uma vez que não temos esgoto em nossa cidade”. Para um operador de caixa é preciso ter as fossas nas calçadas porque “a maioria não tem terrenos nos quintais e, muitos por economia de terreno, para construir casas para alugar no fundo dos quintais”. Por seu turno, um estudante universitário também concorda com as fossas nas calçadas, afirmando que: “é a única maneira de poluir menos os córregos da cidade”. Por outro lado, um corretor de imóveis e automóveis concorda também com as fossas nas calçadas, pois considera que: “ao encher fica mais fácil de ser esvaziada”. Inclusive, este é o discurso reinante na cidade por parte dos que possuem fossas nas calçadas. Estes proprietários de terrenos e casas com fossas nas calçadas adotaram o

discurso de quem possui “o caminhão limpa fossa”, o “minhocão”. Mesmo porque, para eles, limpadores, isto realmente é bem mais fácil. Por outro lado, um policial afirma:

Concordo sim, mas apenas por um único motivo, o de que as calçadas neste ponto são essenciais, pois caso tivesse uma rede de esgoto por toda a cidade, ela também passaria pelas calçadas causando também certo risco não quanto às fossas, mas também discutível. (Entrevista realizada em setembro de 2011 com um policial).

Pela entrevista acima dá para se entender um pouco da ambiguidade existente entre a noção de direito à cidade e à cidadania e a própria ausência do estado em sua legislação, execução e punição aos infratores, mesmo porque, de repente, vivemos o poder do atraso, como afirma José de Souza Martins. O Estado se ausenta por completo, desde o momento em que se furta em não equipar a cidade com o saneamento básico até a convivência da invasão do espaço público pelo uso privado. O proprietário do terreno ou mesmo da casa que constrói fossas nas calçadas, com certeza está fazendo uso privado do espaço público.

Nem concordo nem discordo, depende muito da situação de cada morador. Seria bom se toda a residência tivesse um espaço no quintal de suas casas e que tivesse acesso do carro para a limpeza da fossa. Na frente não é uma boa iniciativa, mas as pessoas acabam fazendo a fossa na calçada devido ao fácil acesso para o esvaziamento. (Entrevista realizada com um vigilante em abril de 2012).

É interessante o discurso do morador araguaïnense sobre a facilidade do esvaziamento da fossa, pois em muitas cidades brasileiras que também não possui esgotamento sanitário, as fossas são construídas dentro dos terrenos de seus proprietários e a limpa fossa faz o serviço normalmente. Há quem diga que em Araguaína a limpa fossa cobra uma taxa maior em torno de R\$ 20,00 para esgotar fossa que esteja dentro dos quintais. Mesmo havendo este preço mais elevado não se justifica fazer a fossa na calçada. Mesmo porque não é todo dia que precisa esgotá-la.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este artigo se percebe o imaginário da população pesquisada ser bem diferente do da população geral da cidade. Quer dizer, o universo pesquisado: alunos universitários, professores dos três níveis de ensino (ensino fundamental, médio e superior), médicos, advogados, etc. difere e muito da prática cotidiana dos moradores de Araguaína – TO, já que é muito comum se encontrar fossas nas calçadas da cidade. E, por outro lado, 93% dos entrevistados discordam dessa atitude tão comum entre os seus habitantes.

É interessante que o poder público constituído não assume suas responsabilidades de gerir a qualidade de vida da população, levando aos seus lares, o mínimo de atendimento de suas necessidades

básicas e, também não atua no sentido de coibir abusos por parte da população que se aproveita da ausência da punição para invadir espaço público, como por exemplo, construindo fossas nas calçadas. O Poder do Atraso tão bem compreendido por José de Souza Martins se intensifica na prática da produção do espaço urbano de Araguaína – TO. O poder público é ausente e não cobra nada de seus moradores para também não ser cobrado pelas as suas verdadeiras atribuições. Assim se fecha o certo onde ninguém cobra nada para também não ser cobrado. O cidadão se exime de seus direitos para não cumprirem com seus deveres. É um verdadeiro ciclo vicioso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcionir Pazatto. A Percepção da Paisagem Urbana de Santa Maria/RS e os Sentimentos de Topofilia e Topofobia de Seus Moradores. Santa Maria. UFSM, 2007. (Dissertação de Mestrado).

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (Re) Produção do espaço urbano. São Paulo: Edusp, 1994.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade. São Paulo: LABUR Edições, 2007.

GUIMARÃES, Solange T. de Lima. Reflexões a respeito da paisagem vivida, topofilia e topofobia à luz dos estudos sobre experiência, percepção e interpretação ambiental. Geosul. Florianópolis, v.17, n. 33, p. 117-141, jan./jun.2002.

LANDIM, Paula da Cruz. Desenho de Paisagem Urbana: as cidades do interior paulista. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

MARTINS, José de Souza. O Poder do Atraso: Ensaio de Sociologia da História Lenta. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

PEREIRA, Aires José. Ensaio Geográficos e Interdisciplinaridade Poética. 6. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2020.

PEREIRA, Aires José. Tangará da Serra: Nova Fronteira Agrícola e Sua Urbanização. 4. ed. Rio de Janeiro: CBJE, 2021.

RELPH, Edward. Paisagem Urbana Moderna. Lisboa: Edições 70, 1987.

SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. Paisagens do Medo. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.